

Março de 2009

**MODALIDADE EPISTÊMICA E EVIDENCIALIDADE EM DISCURSOS DA MINISTRA
DILMA ROUSSEF**Rosangela Jovino ALVES¹**RESUMO**

Neste trabalho, apresenta-se um exercício de análise funcionalista da modalidade epistêmica e da evidencialidade nos discursos da Ministra Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff. A modalidade epistêmica caracteriza no discurso o saber ou a crença do falante em relação ao que é dito. Subdivide-se em modalidade epistêmica objetiva e subjetiva, as quais serão exemplificadas neste trabalho. A evidencialidade refere-se à tentativa do falante de qualificar o que está dizendo, usando para isso fontes diretas ou indiretas de informação. Apesar de ser considerada por muitos parte da modalidade epistêmica, a evidencialidade será tratada, neste trabalho, como objeto distinto, porém sem se deixar de levar em conta que a modalidade epistêmica e a evidencialidade têm, em determinados aspectos, grande proximidade. Assim, este trabalho apresentará uma análise das ocorrências dessas marcas linguísticas em discursos políticos femininos, a fim de verificar a contribuição desses discursos para a bem sucedida posição que as mulheres ocupam, hoje, no cenário político brasileiro.

Palavras-chave: modalidade, modalidade epistêmica, objetiva, subjetiva, evidencialidade, discursos femininos

ABSTRACT

This work shows an exercise in functional analysis of epistemic modality and evidentiality in the discourse of the Head of Civil House Minister Dilma Rousseff. The epistemic modality characterizes at the discourse the knowledge or belief of the speaker in what is said. It is subdivided into subjective and objective epistemic modality, which will be exemplified in this work. The evidentiality concerns the speaker's attempt to qualify what is saying, using for this direct and indirect sources of information. Despite being regarded by many parts of the epistemic modality, the evidentiality is treated in this work as a distinct object, but without fail to take into account that the evidentiality and epistemic modality are in some aspects very close. Thus, this work will present an analysis of these linguistic marks in female political speeches, to verify the contribution of these discourses to the successful position that women occupy, today, in the Brazilian political scene.

KeyWords

Modality, epistemic modality, objective, subjective, evidentiality, female speeches

INTRODUÇÃO

Março de 2009

O funcionalismo tem se dedicado a diversos temas na tentativa de explicar as funções dos elementos linguísticos na comunicação dos usuários da língua. Este trabalho, de base funcionalista, apresenta uma análise de determinadas marcas linguísticas que são encontradas na língua em uso e que chamamos MODALIDADE.

Apesar de haver inúmeros estudos sobre os tipos de modalidades, este trabalho não entrará nesse âmbito de discussão, dedicando-se ao estudo da modalidade epistêmica e da evidencialidade que podem caracterizar as opiniões, crenças, comprometimento ou não, e até representar pontos de credibilidade do falante com aquilo que diz. Com este trabalho busca-se observar qual o sentido produzido pelo uso dos elementos que marcam modalização e evidencialidade, como eles qualificam o comprometimento ou (des)comprometimento do falante com o que diz, como o falante qualifica seu grau de conhecimento em um contínuo que vai do possível ao praticamente impossível e como evidencia seu discurso para ganhar em credibilidade.

MODALIDADE

As modalidades estão relacionadas ao discurso, ao falante, ao ouvinte e à maneira de como aquilo que se diz é dito. No discurso, elas podem caracterizar uma ordem, uma permissão ou proibição e qualificar a fonte enunciativa que emite essa, também podem apresentar asseverações, possibilidades, capacidade ou habilidades, e ainda dizem respeito à factualidade que através dos modos verbais traz os conceitos de *realis* (fato) ou *irrealis* (não-factual) de um Estado de Coisas (ECs) (Bütler, 2003). As modalidades estão intimamente ligadas ao falante, pois caracterizam a maneira como ele expressa suas atitudes e opiniões. Na modalidade deôntica, ele pode ser a fonte enunciativa que apresenta uma proibição ou uma permissão. Na modalidade epistêmica ele mostra seu conhecimento em relação a determinado EC e seu comprometimento com determinada proposição. Ao falar, o usuário da língua leva em conta a comunidade enunciativa na qual está inserido e com a qual compartilha, nas modalidades epistêmica e deôntica, os saberes que são comuns a todos inseridos nessa comunidade linguística.

MODALIDADE EPISTÊMICA

A Modalidade Epistêmica é aquela que qualifica as crenças, opiniões e o comprometimento do falante com o que diz. A modalidade epistêmica pode ser dividida em Objetiva ou Subjetiva.

Março de 2009

MODALIDADE EPISTÊMICA OBJETIVA

A Modalidade Objetiva está relacionada a um conhecimento que é comum à comunidade na qual o falante está inserido ou que, pelo menos, é apresentado como se fosse. Nessa modalidade, o falante posiciona seu discurso numa escala de possibilidade que vai de algo absolutamente possível (asseverações) até algo que é praticamente impossível (dúvidas), exemplos: é certo, é possível, é impossível, etc.

MODALIDADE EPISTÊMICA SUBJETIVA

Por outro lado, a Modalidade Subjetiva está relacionada a um conhecimento particular do falante e é através dela que ele pode marcar seu comprometimento ou não com a verdade daquilo que é dito. Essa modalidade, geralmente, é marcada por verbos de crença ou opinião.

Quando faz uso desses verbos e assume o discurso em primeira pessoa, o locutor isenta-se da certeza do conhecimento, exprimindo sua não-certeza em relação àquilo que é dito, porém, sem perder sua credibilidade. Como afirma Kerbrat-Orecchioni (apud Neves, 1996) “confirmando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciador, ao invés de perder, ganha em credibilidade; desse modo, essa confissão constitui uma astúcia discursiva, já que, graças a ela, o enunciador se beneficia de um crédito de honestidade”.

EVIDENCIALIDADE

A Evidencialidade é entendida como a expressão do tipo de evidência que sustenta uma afirmação factual e pode ser expressa tanto por meios lexicais quanto por meios gramaticais, porém, não é consensual o conceito de evidencialidade. Só é pacífica a ideia de que se trata de indicação da origem de conhecimento de um enunciado (NEVES, 2007). A evidencialidade pode estar diretamente ligada ao falante, pois ele pode ser a fonte enunciativa que apresenta a garantia de verdade de um ECs ou pode ser apresentada por uma outra fonte enunciativa, apontada pelo falante como garantia da verdade de um EC.

A informação apresentada pode ser evidenciada de três formas a partir da fonte da informação: pode ser de domínio comum, ou seja, é compartilhada por todos ou amplamente conhecida; pode ser o próprio falante ou pode ter sido obtido através de uma terceira fonte. De acordo com LUCENA:

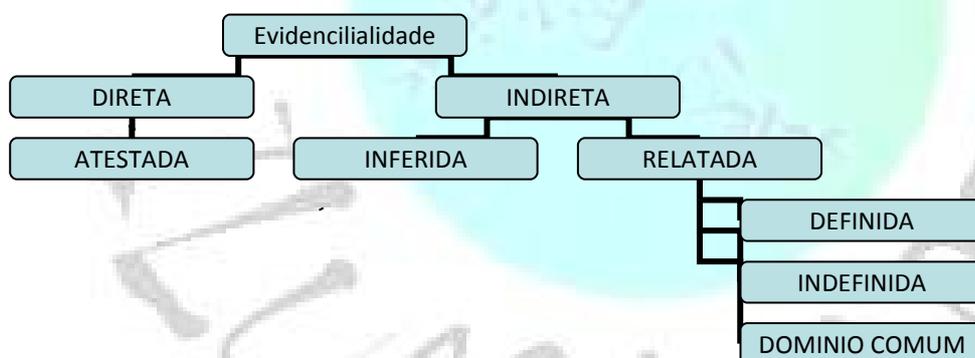
Março de 2009

“a informação asseverada em uma proposição pode ter como fonte o próprio falante ou pode ser um conhecimento amplamente conhecido, verdadeiro e incontestável, independentemente do modo de obtenção dessa informação, ou seja, um conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Ou ainda, pode ser uma informação obtida por meio de um relato. Com respeito à evidência relatada, o falante pode explicitar a fonte da informação ou apenas indicar a sua existência sem, no entanto, codificá-la.” (2008, p. 03)

De acordo com DE HAAN (2000), a evidencialidade é dividida em *Direta e Indireta*. A evidencialidade é direta quando o falante testemunha a ação, seja de forma visual, auditiva ou com qualquer outro sentido, enquanto na evidencialidade indireta ele deduziu a ação ou ouviu de outras pessoas. No primeiro caso, a fonte da informação do falante é de natureza primária: ele obtém a informação porque testemunhou uma determinada situação (evidência atestada). No segundo caso, o falante obtém a informação por meio de outro falante (evidência relatada), ou infere a situação a partir de seus resultados ou a partir de raciocínio lógico (evidência inferida).

A evidencia relatada pode ser de três tipos: *definida* (quando a fonte é explicitada), *indefinida* (quando apenas se remete à existência da fonte, sem explicitá-la) e de *domínio comum* (quando a fonte da informação é um saber assumido como compartilhado).

O esquema a seguir é baseado nessas classificações da evidencialidade:



MODALIDADE EPISTÊMICA X EVIDENCIALIDADE

Um dos problemas mais interessantes que tem sido encontrado no estudo da evidencialidade é a relação entre *evidencialidade*, ou seja, a marcação da fonte da informação, e a *modalidade epistêmica*, ou seja, o grau de confiança que o falante tem em seu enunciado (DE HAAN, 2000). Dendale e Tasmowski (2001) apresentam em seu artigo ‘Evidentiality and related Notions’, três tipos de relações entre *evidencialidade e Modalidade*: “*disjunction* (where they are conceptually distinguished from each other), *inclusion* (where one is regarded as falling within the semantic scope of the other), and *overlap* (where they partly intersect)”.

Março de 2009

Vários autores apresentam diferentes pontos de vista em relação a essa questão. Para alguns, os evidenciais são um tipo de modal epistêmico e estão situados na mesma camada da modalidade subjetiva (NEVES, 2006); já uma segunda tendência considera a qualificação evidencial como determinadora da qualificação epistêmica (HATTNER *at al*, 2001). De Haan em seu artigo sobre modalidade epistêmica e evidencialidade reconhece uma distinção básica entre essas duas áreas:

“The basic distinction I will argue for in this paper is the following: while epistemic modality and evidentiality both deal with evidence, but they differ in what they do with that evidence. Epistemic modality evaluates evidence and on the basis of this evaluation assigns a confidence measure to the speaker’s utterance. This utterance can be high, diminished, or low. An epistemic modal will be used to reflect this degree of confidence. An evidential asserts that there is evidence for the speaker’s utterance but refuses to interpret the evidence in any way.” (1999, p. 04)

Neste trabalho, porém, assume-se uma posição que reconhece a proximidade e o encontro dessas duas marcas linguísticas, mas sem entrar no âmbito de discussão, por isso a evidencialidade será analisada separadamente da modalidade epistêmica.

CORPUS

Para o *corpus* de análise deste trabalho foram selecionados discursos da ministra da Casa Civil Dilma Rousseff, sobre diversos assuntos, como o PAC, o dossiê e outros assuntos tratados pela Casa Civil, que foram veiculados na mídia. Esses discursos foram transcritos e analisados enfatizando a ocorrência das duas modalidades propostas, alguns resultados estão abaixo.

A MINISTRA DILMA ROUSSEFF

Dilma Vana Rousseff é Economista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Teoria Econômica pela Unicamp e Doutoranda em Economia Monetária e Financeira pela Unicamp. Foi Secretária da Fazenda de Porto Alegre (1986-1988), Presidente da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (1991-1993) e Secretária de Estado de Energia, Minas e Comunicações do RS (1993-1994 e 1999-2002). Em 2002, coordenou a equipe de Infra-Estrutura do Governo de Transição instituído pelo Presidente Lula, foi Ministra das Minas e Energia (2003-jun.2005) e, atualmente, é Ministra Chefe da Casa Civil e vista como uma possível candidata ao cargo Presidencial nas próximas eleições.

Março de 2009

ANÁLISE

Nos discursos da Ministra Dilma Rousseff encontramos um alto índice de marcas modalizadoras. Cada um dos exemplos a seguir foi analisado com base na literatura aqui apresentada. Observe em (1) o verbo *achar*, que é um verbo de crença e opinião, o qual caracteriza a modalidade epistêmica subjetiva, ou seja, o falante assume compromisso com o que está dizendo e o dono do maior número de ocorrências.

1- [...] *eu acho* que hoje com a publicação desse material na folha rui por terra a versão de que a casa civil fez um dossiê para chantaGEAR... ou para INcriminar.

Em (2) temos uma ocorrência do modal *poder*, verbo polissêmico que pode caracterizar tanto uma possibilidade quanto uma permissão, e que, nesse caso, traz o sentido epistêmico de possibilidade, ou seja, *é possível estarem querendo encobrir...*

2- [...] eu não estou querendo fazer nenhum comentário... quanto... ao porquê que isso aconteceu, *podem* estar querendo encobrir... quem entregou... esse documento.

Assim também como em (3) e (4), esse verbo assume a posição de modalizador do possível:

3- [...] com a publicação dessa página (mostra a página do jornal Folha de São Paulo) mesmo, *ela podendo ser falsificada*, há a possibilidade de um computador da Casa Civil, PORTANTO:: um bem público...ter sido invadido.

4- [...] então...NÃO é algo que *eu possa ter* começado a fazer ontem... ou antes de ontem...

No exemplo (5) temos um exemplo de evidencialidade de Domínio Comum, na qual ela busca através do conhecimento geral que aqueles que alguma vez lidaram com computador sabem a situação da capa. Ainda nesse exemplo temos uma ocorrência da modalidade epistêmica objetiva, qualificada através da palavra *absolutamente*, a qual apresenta uma asseveração por parte do falante o que não abre espaço para dúvidas.

5- [...] inclusive *TODOS* vocês...*que...alguma vez lidou...com...computador sabe...que esta capa ela é ABSOLUTAMENTE* a pro/a prova de falsificação

Outros exemplos semelhantes ao acima, em que o falante apresenta uma asseveração, ou seja, apresenta seu enunciado com estatuto de verdade, como um fato, estão representados em (6), (7) e (8).

6- [...] *nós temos CERteza* que o crime reside no vazamento...esse governo NÃO vazou...esse governo NÃO difundiu...esse governo NÃO publicou informações confidenciais.

7- Sobre o FATO...de nós termos alimentado e dizermos que íamos fazer banco de dados... *NÃO paira dúvida*.

Março de 2009

8- [...] queria DESEJAR... e dirigir um especial cumprimento... às mulheres aqui:: da frente que HOJE animam *sem dívida* esse comício...

No outro extremo do contínuo de possível proposto por Neves, temos o exemplo abaixo ilustrando uma impossibilidade:

9- [...] *é impossível* realizar um programa daquela dimensão... sem a grande cooperação dos Ministros...

Exemplos que mostram o meio termo das polaridades do impossível e do absolutamente possível, estão representados em (10) pelo adjetivo *possível*:

10- [...] *é possível* alegar que ela já estava aqui perfeitamente...MAS o que MOStra é que ela TAMBÉM é FACILmente, ela é facilmente modificada.

No exemplo (11) temos um exemplo de evidencialidade relatada com fonte definida (ITI). Nesse caso, a Ministra apresenta um dado e diz a fonte de onde obteve tal informação:

11- [...] me foi respondido o seguinte: NOVENTA por cento dos casos de vazamento...ele não é por invasão...é por alguém de dentro/alguém de dentro que tem acesso[...] *essa é pelo menos a informação que eu tive do pessoal do ITI.*

Em (12) há a ocorrência de um outro verbo modal polissêmico, o Verbo *Dever*, que apesar de seu sentido comum de obrigação ou permissão, também pode apresentar uma possibilidade epistêmica, como é o caso desse exemplo, no qual ele junto como advérbio de negação apresenta uma não possibilidade de fazer uma coisa direta:

12- [...] *não dava* pra fazer uma coisa direta...porque:: o nosso banco de DAdos...foi formatado...mais pro futuro do que pro passado...

O exemplo (12) tem como sujeitos a primeira pessoa do plural representando o Governo e a Casa Civil, e pode ser considerado um tipo de evidencialidade inferida, que tem a imaginação como meio pelo qual infere-se a consideração sobre as informações, com base em dados e fatores sobre os ministros:

13- Nós estamos *imaginando*... as informações de nenhum dos ministros é sigilosa.

O que se pode observar nos discursos da Ministra é que, em todos eles, há um alto índice de ocorrência da primeira pessoa do singular e, principalmente, o uso da primeira pessoa do plural, representando a própria Dilma, o Governo e a Casa Civil. Devido a esse fato, a maioria das afirmações epistêmicas são marcadas por um conhecimento subjetivo caracterizando comprometimento, muitas vezes, assumido pela primeira pessoa do plural, assim há um baixo

Março de 2009

índice de evidencialidade indireta, especialmente a relatada. Outro fator observado é o alto índice de asseverações, que fazem parte, principalmente, das negações postuladas pela Ministra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresentou, apenas, uma breve revisão teórica e prática sobre uma questão extremamente abrangente, que é a relação modalidade epistêmica e evidencialidade, tendo como foco principal o discurso político feminino, caracterizado aqui pela Ministra Dilma Rousseff. Embora não possamos afirmar categoricamente as características desse discurso que envolve todo um contexto psicológico e social, podemos levantar questões importantes que foram observadas nesse exercício de análise e que servirão de base para estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, C.S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural Functional Theories*. John Benjamins Publishing Company, 2003.

DE HAAN, F. *The Relation Between Modality and Evidentiality*, 2000

DE HAAN, Ferdinand. "Evidentiality and Epistemic Modality: Setting Boundaries." *Southwest Journal of Linguistics*, 1999.

DENDALE, P. TAMOWKI, L, *Introduction: Evidentiality and related Notions*, Belgium: Journal of Pragmatics, 2001.

HATTNER, M.D. et al. *Uma Investigação Funcionalista da Modalidade Epistêmica*, In: NEVES, M.H.M.(Org.) *Descrição do Português: Definindo Rumos de Pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001

LUCENA, Izabel Larissa. *A expressão da evidencialidade: uma análise do discurso político*. São Paulo: Estudos Lingüísticos, v.37, n.1, p.93-102,

NEVES, M. H. M. *A modalidade* In: KOCH, I.G.V. (Org) *Gramática do Português Falado IV – Desenvolvimentos*, Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

NEVES, M.H.M. *Texto e Gramática*, São Paulo: Contexto, 2006.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

<http://video.aol.com/video-detail/dilma-rousseff-no-programa-do-j-16-parte-210/1271864109>

<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL413925-5601,00-DILMA+COMETE+GAFFE+E+CHAMA+EVENTO+DO+PAC+DE+COMICIO.html>

<http://br.truveo.com/Dilma-Rousseff-responde-%C3%A0-altura-Agripino-Maia/id/3548944736>

Março de 2009

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CHARADEAU, P. *Discurso Político*, São Paulo: Contexto, 2006.

PALMER, F.R. *Mood and Modality*, New York, USA: Cambridge text books in linguistics, 1986.

